

B

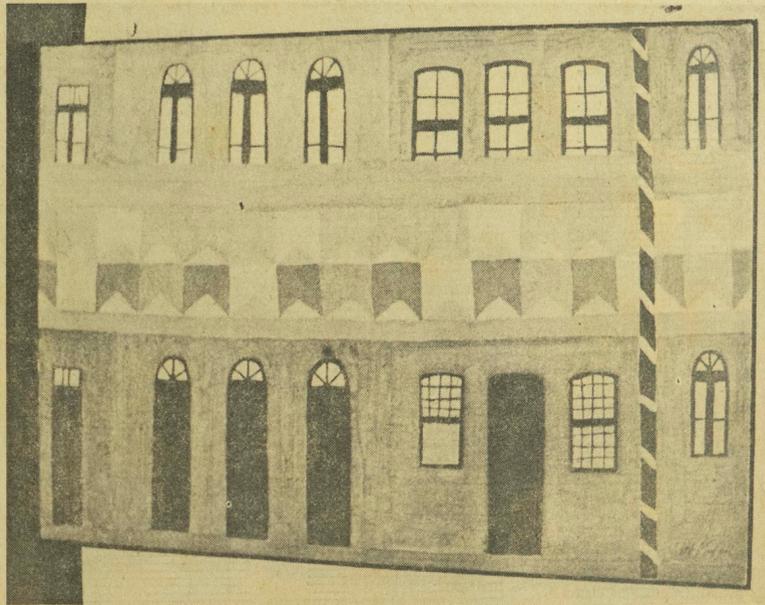
Embora não goste muito "desse negócio de exposição", o pintor Alfredo Volpi veio ao Rio para participar da inauguração de uma retrospectiva de sua obra — a terceira em 15 anos — no Museu de Arte Moderna, hoje, às 19h. Cinquenta e oito anos de trabalho ininterrupto estarão representados por quase 300 obras, dando um quadro global da criatividade de um dos maiores mestres da pintura brasileira. Aos 76 anos, entalhador e pintor de paredes, Volpi recusa-se a definir sua obra e continua em plena atividade em sua casa no bairro paulista do Cambuci: "Passo o dia inteiro pintando"



Volpi, um trabalho "mais cerebral mas que veio aos poucos"

AS COMPOSIÇÕES COLORIDAS DE ALFREDO VOLPI

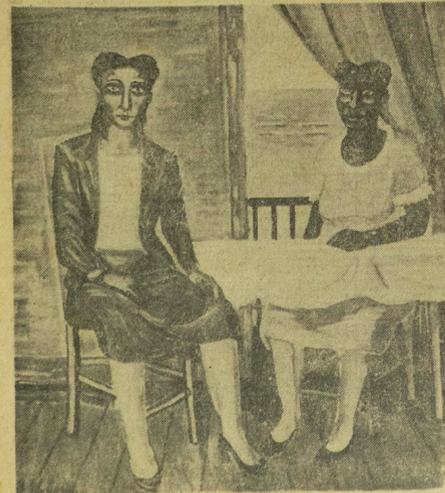
MARIA LUCIA RANGEL



As fachadas que já sugerem mastros e bandeirinhas



São Francisco de Assis e pássaros quase abstratos



No início, o duro aprendizado da natureza e da realidade

A vocação de pintor manifestou-se na escola, quando rabiscava seus cadernos, já fascinado pelas cores. Os últimos quadros conservam ainda esta preocupação com o colorido, mas Volpi prefere não defini-los: "Não defino nunca o que faço. E' sempre pintura. Tanto que nem dou títulos às minhas obras. São todas composições."

— Estou fazendo atualmente um trabalho mais cerebral, mas que veio aos poucos. O pintor começa na natureza e depois torna-se mais expressionista, mas sempre em contato com a natureza, que é o ponto de partida. O melhor período que tive em minha pintura, tempo de prazer, foi por volta de 1930, quando ia para o campo com minha caixa de tintas e pincéis.

Volpi nunca guardou suas telas, "pinto para vender", mas conserva desse tempo seis quadros porque não conseguiu vender na época: "Estão querendo comprar, mas hoje não vendo mais, só a produção atual."

O MAM mostrará estas seis telas e 14 do ano passado, todas vindas diretamente da casa do Cambuci. As restantes pertencem ao acervo do Museu e a coleções particulares.

— A minha primeira tela, de 1914, estará lá, mas nesta época eu já estava velho. Com 18 anos a gente já é um velho. Tem uns quadros do período concretista, onde me encaixaram, né? São mais formas. Mas aqui pra nós, eu acho isso tudo muito *chato* — ele baixa o tom de voz e ri — eu não gosto muito desse negócio de exposição. Prefiro ficar pintando em minha casa.

A casa fica no bairro italiano de Cambuci, "que agora já perdeu muito daquela característica", e além dos filhos adotivos de Volpi

abriga uma infinidade de bichos:

— Em 1940 cheguei a ter até carneiro. Atualmente tenho um cachorro, dois cães, um gato, dois passarinhos e vários pombos. A vizinhança está cheia de pombos também. Quem gostava disso era a patroa.

Viuvo há seis meses, cercado pelos filhos adotivos "e filhos dos filhos adotivos", Volpi acorda cedo, "sem madrugar", e trabalha o dia todo:

— Passo a dia inteiro pintando. Quando me sinto cansado, porque a pintura cansa muito, faço telas, preparo chassis. O trabalho manual sempre descansa e o preparo da tela é essencial, porque essas coisas comerciais que vendem por aí não interessam.

Aprendiz de ofício

Volpi nasceu em Lucca, na Itália, mas chegou ao Brasil com pouco mais de um ano. Nunca pensou em se naturalizar, "porque estou aqui há tanto tempo que isso nem é preciso". Até os nove anos estudou numa escola italiana, quando então foi aprender ofício:

— O primeiro trabalho foi como entalhador. Nesta época usava-se o *art-nouveau*. Eu tinha uns 10 anos e a vocação de pintor já existia em mim. Quando comecei a pintar nas construções, com 14 anos, prestava atenção às paisagens. Mas estas, só podia pintar nas casas pobres. A decoração dos ricos eram lamentações. Lembro-me de que a moda naquele tempo eram as salas de visitas no estilo Luis XV. Variavam na sala de jantar. Se era italiano pedia o estilo florentino, o turco queria o mourisco. Só os portugueses diziam: "faça uma coisa bonita". Mas isso não

era arte, era artesanato. Eu ganhava um conto de réis, o que dava para pintar três ou quatro meses. Quando o dinheiro acabava, voltava a pintar paredes. Em 1920 vim ao Rio fazer uma decoração. Ainda não existiam esses arranha-céus.

Em 1925, Volpi passou a fazer painéis, com maior liberdade de criação. "Era melhor porque já fazia parte de um trabalho de arte."

Por volta de 1930, ele já conseguia vender alguns de seus quadros. Recebia uns 100 mil réis por uma tela:

— Cheguei a trocar quadros por vinho. Uma caixa de vinho Chianti dava um quadrinho. Me lembro de Carnicelli, o melhor alfaiate de São Paulo, que um dia se interessou por um quadro meu. Troquei por um terno de casimira inglesa. Engraçado é que não gostei da roupa e dei para meu irmão. As calças eram muito altas. Minha vida foi assim, muito trabalho e estudo. Por ser autodidata, estou sempre estudando.

Foi no princípio da década de 20 que Volpi expôs pela primeira vez. Era uma coletiva. Um grupo de pintores reuniu-se e alugou um salão no Palácio das Indústrias, em São Paulo:

— Vendi meu quadro — o retrato de minha irmã costurando — por 400 mil réis à prestação. Era bem pago. Hoje é mais fácil para o pintor jovem, que tem galerias à beça. Naquele tempo, com o aluguel da sala, a exposição durava apenas um mês. Só em 44 fiz minha primeira individual. Ainda não existiam galerias. Engraçado, não? Só em 46 surgiu a primeira em São Paulo.

Uma única viagem

Apesar de inúmeras oportunidades, Volpi só

fez uma viagem à Europa. Foi também o único período de sua vida em que não trabalhou:

— Esta viagem me custou 24 trabalhos. Graças a uma subscrição de colecionadores que compraram meus quadros por antecipação. Queriam que os pintasse na Europa, mas me recusei e pintei-os na volta. Foram seis meses em que vi o que pude. Virei aquilo de cabeça pra baixo. Fiquei principalmente na Itália. O calor era tanto que me refugiei um mês em Veneza, lugar mais úmido. Depois fui para Paris e nunca mais tive vontade de viajar outra vez.

Além dos quadros, Volpi tem vários trabalhos em igrejas. Em 1957 pintou uma capela em Brasília:

— A pintura foi estragada, porque o padre não gostou e dava pancada na parede de propósito. Pintei uma igreja lá perto de casa, *Cristo Operário*, mas não foi afresco. As paredes já estavam pintadas. Em 1967, fiz o *Dom Bosco*, painel que está no Itamarati em Brasília.

Considerando-se católico, apostólico e toscano, Volpi é religioso, porque, segundo ele, só quem acredita em Deus blasfema:

— O italiano é o povo que mais blasfema. O português, por exemplo, em vez de blasfemar, prefere dizer: "Vá pro raio que o parta."

Pintando sempre, não tem preferência por nenhuma de suas fases. Gosta do que fez e do que está fazendo. Mas não sabe ensinar pintura, pois não tem o menor jeito para professor:

— Só tive uma aluna em toda minha vida. Mas eu não ensinava. Ela é que aprendia comigo. Aproveitou por si.

A arte, é o pintor que deve fazer.

Criou muitas crianças — "por iniciativa da patroa" — hoje já adultos e que voltam sempre para visitá-lo:

— Foram muitas. Agora só tenho duas irmãs lá em casa. Tinha um pequenino, que a mãe levou embora. Sabe que sinto falta dele? Não sei por que. Ele quase não falava.

A única filha, Aninha, já casada, ajuda o pai a tomar conta dos menores.

O panorama

Esta é a terceira retrospectiva de Volpi nos últimos 15 anos — a primeira, organizada por Mário Pedrosa, e a segunda em 1961, na Bienal de São Paulo. Organizada pela professora e crítica de arte Araci Amaral, ela compreende 141 pinturas sobre tela, 102 estudos, alguns azulejos pertencentes à sua produção artesanal e reproduções fotográficas de afrescos e painéis impossíveis de transportar. As 14 telas feitas no ano passado já foram reservadas ainda no Cambuci e os preços dos quadros atuais não são nunca inferiores a Cr\$ 20 mil. Quanto às telas velhas — as seis que guarda com ciúmes — não têm preço: "Não vendo mesmo."

material elétrico

CASA ao lado do light

Titus tradição e especialização

1930 ATACADO — VAREJO

Av. Mel. Florian, 144/146
Tels. 243-5043/243-7855
243-1748